

ELEMENTOS INDICADORES DE INTERTEXTUALIDADE NO CANTO IV DE *OS LUSÍADAS* E EM *MENSAGEM*

Elisa Guimarães*

Resumo: O presente estudo tem como objetivo enfatizar os elementos indicadores de intertextualidade do ponto de vista da matéria histórica em *Os lusíadas* e em *Mensagem*, destacando, de modo particular, a Dinastia de Avis e suas implicações nos dois poemas citados. São abordados os aspectos gerais da intertextualidade e os elementos indicadores desse processo, mediante a análise das figuras representativas da Dinastia de Avis. Conclui-se que a leitura atenta dos dois poemas confirma que o uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora.

Palavras-chave: Intertextualidade; Camões; Fernando Pessoa.

TEXTO E INTERTEXTUALIDADE

■ **O**bras exponenciais nos quadros da literatura portuguesa, *Os lusíadas* (CAMÕES, 1974) e *Mensagem* (PESSOA, 1976), além de muitas outras aberturas, oferecem larga margem para uma exploração de natureza intertextual. Pelos ricos atalhos em que se desdobram, assemelham-se as duas obras ora nas suas grandes linhas, ora em princípios acidentais. Essas linhas e esses princípios tornam-se evidentes quando a eles se aplicam as propostas da intertextualidade.

É sob esse interesse que o presente ensaio norteia considerações acerca dos elos de natureza intertextual que traçam funda semelhança entre as obras ca-

* Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

moniana e pessoana – registros dos mais brilhantes nas páginas da literatura portuguesa.

Dada a necessidade de limitação do assunto, deter-nos-emos nos aspectos vinculados a episódios e figuras da história de Portugal, representativos da Dinastia de Avis.

Segundo Laurent Jenny (1979, p. 48), a intertextualidade não é apenas um aproveitamento bem-educado, ou citação da Grande Biblioteca, mas uma estratégia da mistura, estendendo-se para fora do livro, a todo discurso social.

Extensivo a todo discurso social, o estudo da intertextualidade comporta, pois, uma contextualização que se estende por uma diversidade de campos, tais como o da história, o da simbologia, o da mitologia, o da numerologia. São terrenos percorridos por essa análise de natureza intertextual – análise de obras que não podem ser isoladas do seu contexto cultural, seja em relação às que as precederam, seja no que diz respeito à realidade em que se enquadram.

A intertextualidade fala uma língua cujo vocabulário é a soma dos textos existentes – o que lhe confere grande riqueza e densidade, pois o texto aludido “já não fala, é falado” (JENNY, 1979, p. 22).

Como se pode observar, o cerne da intertextualidade é fazer caber vários textos num só, sem que se destruam mutuamente, e sem que o intertexto se estilhace como totalidade estruturada. Uma leitura cuidadosa é seguro caminho para que se descubram “textos” dentro do texto. Muitas questões podem ser colocadas em relação a esses “enxertos”. Nessa linha, é oportuno lembrar o que propõe ainda Laurent Jenny acerca do que ele chama “engaste” no processo intertextual. Para o autor, o engaste, baseado na harmonização intertextual, implica operações não apenas no nível da forma de expressão, mas unifica a forma e a substância do conteúdo do texto, lançando para o contexto um feixe de virtualidades combinatórias (JENNY, 1979, p. 35). Opera o engaste numa montagem de natureza mais estilística do que narrativa.

Três tipos de relações semânticas sustentam a engrenagem do engaste: 1. a isotopia metonímica, que permite prosseguir o fio da narração; 2. a isotopia metafórica, em que um fragmento textual mantém analogia semântica com o contexto; 3. a montagem não isotópica, que consiste na inserção de um fragmento num contexto com o qual não mantém, *a priori*, relação semântica.

As figuras de retórica representam também valioso instrumental para a classificação exata de tipos de alterações sofridas pelo texto no decurso do processo intertextual. Citam-se, assim, a amplificação e a hipérbole, entendendo-se a amplificação como transformação de um texto original por força do desenvolvimento de suas virtualidades semânticas. A transformação de um texto por superlativação da sua qualificação configura-se na hipérbole. Salientam-se ainda as chamadas interversões, que afetam elementos textuais diversos e podem ser “da situação enunciativa”, “de qualificação”, “da situação dramática”, dos “valores simbólicos”. Acrescentam-se ainda as mudanças de nível de sentido, quando o esquema semântico é retomado no contexto num novo nível de sentido.

Essas considerações permitem concluir que, no trabalho intertextual, não existe a pura repetição, mas sim uma função crítica – o que veremos a seguir, aplicando na análise os procedimentos citados como instrumentais no processo da intertextualidade presentes nas obras *Os lusíadas*, de Camões, e *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

A DINASTIA DE AVIS

Fundada por D. João I, mestre da Ordem Religiosa de Avis e filho ilegítimo de D. Pedro I, a Dinastia de Avis foi a segunda dinastia portuguesa, reinando de 1385 a 1580.

Ocuparam o trono sete outros de seus representantes: D. Duarte, D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I, D. João III, D. Sebastião e o cardeal D. Henrique.

Notabilizou-se a Dinastia de Avis como representativa do período áureo português, quando se efetivaram as grandes navegações e conquistas numa exaltação da nacionalidade portuguesa.

O fato de ter sido essa dinastia a que assistiu a tantas glórias parece merecer peculiar objeto de pesquisas e estudos – o que justifica esta análise ora levada a efeito. Conforme dissemos, trata-se de um estudo de natureza intertextual que tem em mira apontar traços onde se encontram duas entre as obras mais relevantes da literatura portuguesa. Camões e Fernando Pessoa são os que nos inspiram nesta empreitada em que se exploram os traços intertextuais presentes na matéria histórica de *Os lusíadas* e de *Mensagem*.

EM CONFRONTO OS DOIS POEMAS

Os lusíadas

Inspirou-se Camões nas normas do classicismo imperante no século XVI, tomando mesmo como modelo formal a *Eneida*, de Vergílio, assim estruturada: proposição, invocação, dedicatória ou oferecimento, narração. Mil cento e duas estrofes e 8.816 versos tecem dez cantos constituídos de estâncias de oitava rima, estrofes de oito versos de esquema rimático ABABABCC.

O canto IV – objeto desta análise – volta-se particularmente para a matéria histórica da Dinastia de Avis. Dá-se prosseguimento à narração de Vasco da Gama, iniciada no Canto III, com ênfase dada à figura de Nuno Álvares Pereira, bem como às batalhas contra os castelhanos, sobretudo a de Aljubarrota, às conquistas na África, à batalha de Toro, ao reinado de D. Manuel e ao seu sonho do domínio das Índias, à partida para o Oriente e às comentadas imprecisões do Velho do Restelo.

Mensagem

Poema de Fernando Pessoa, publicado em 1933, ou seja, 361 anos após a publicação de *Os lusíadas*, de 1572. Nacionalista, místico, sebastianista, o poeta de *Mensagem*, acreditando nos “designios ocultos que fadam homens e nações para altos destinos” (COELHO, 1960, p. 607), apresenta-se aí como Camões antiépico.

As duas vezes apresentam-nos a história de Portugal, cada uma num quadro diferente de idiossincrasias – ambas, no entanto, atentas ao mesmo objeto – uma mesma história. Enquanto Camões relata acontecimentos históricos, desde a origem até o século XVI, Pessoa interrompe seu relato no “desastre” de Alcácer-Quibir e transfere para um segundo plano os acontecimentos históricos posteriores.

DUAS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

No que diz respeito aos acontecimentos e às figuras que se destacaram no contexto histórico português, no reinado da Dinastia de Avis, ressaltam-se duas versões diferentes que serão exploradas à luz do processo da intertextualidade.

Nesse processo, terão lugar considerações a respeito das seguintes figuras: D. João I, Dona Filipa, Os Infantes, D. Duarte, D. Afonso V, D. Manuel I, D. João III, D. Sebastião.

Tracemos um paralelo entre os comentários tecidos em torno dessas personagens, buscando aí encontrar traços de natureza intertextual.

D. João I em *Os lusíadas*

A partir da estância 14, Camões refere-se diretamente ao rei D. João I, por meio do discurso de Nuno Álvares (14,19), da narração da Batalha de Aljubarrota (28,44) e da Conquista de Ceuta (48-50). “Depois de procelosa tempestade”..., “Joane, sempre ilustre alevantando”... e “Joane, a quem do peito o esforço”. As 13 primeiras estâncias do canto IV de *Os lusíadas* situam-se no período histórico chamado *Interregno*, após a morte de D. Fernando. Da estância 3 à 7, percebe-se o propósito de Camões de conservar íntegra a realidade histórica. Enquanto em *Os lusíadas* Camões narra a sucessão irreversível dos episódios que se articulam. A história de Portugal aparece como que encerrada, cumprida de uma vez por todas: “Depois de procelosa tempestade [...] Depois que o rei Fernando faleceu”.

Filipa em *Os lusíadas*

Camões faz uma alusão a D. Filipa: “Depois que quis o Padre Onipotente/Dar os reis inimigos por maridos/Às duas ilustríssimas inglesas/, Gentis, fermosas, ínclitas princesas” (estância 27). Percebe-se que, por ser um elogio ao povo português, Camões procura citá-la. Historicamente falando, D. Filipa foi uma figura ímpar. Ela foi a mãe da “ínclita geração” e dos “altos infantes”.

D. João I em *Mensagem*

Em *Mensagem*, D. João I é o Castelo. Ele aparece na primeira das três partes que compõem o poema (Brasão, Mar Português, O Encoberto) “Brasão”.

O nome “brasão” parece sugerir o estatuto do sujeito da escrita e, conseqüentemente, o título: *Mensagem*. Essa função de sujeito lhe confere um estatuto de diferença em relação a uma coletividade, a quem o texto se dirige. Seria uma espécie de descodificador. Constituir-se-ia o quadro da comunicação, pressuposto pelo título do poema – *Mensagem*. Em *Mensagem*, essa mesma história vem perpetuada. A história é viva em suas matrizes. Ela aparece pronta a desencadear-se de novo. As personagens têm importância pela sua presença atual, palpitante, embora intemporal. São personagens plantadas desde sempre onde residem.

D. Filipa em *Mensagem*

Fernando Pessoa, cômico de que o que define o povo português, sob o seu ponto de vista, não são as descobertas e conquistas, não são as ações notáveis ou o motivo material dessas, e sim o desejo de atingir um ideal que pertence à própria alma, trata D. Filipa de modo especial. Em *Mensagem*, Filipa ocupa o mesmo espaço que D. João I. O sétimo castelo (II) é o de D. Filipa. Nela também se percebe que as figuras destacadas da história de Portugal valem apenas como instrumentos de um agente superior. Foi ela quem amamentou a “ínclita geração”.

Os Infantes em Os lusíadas

Sobre os Infantes, Camões fez alusão indireta no canto IV: “Mas, pera defensão dos lusitanos, / Deixou quem o levou quem governasse / E aumentasse a terra mais que dantes: ínclita geração, altos infantes”. Refere-se também a Pedro e a Henrique, no canto VIII, e a D. Duarte no canto IV, também, mas como rei de Portugal: “Olha cá dous infantes, Pedro e Henrique //, progênie generosa de Joane; / Aquele faz que fama ilustre fique / Dele em Germânia [...] Este, que ela nos mares o pubrique / Por seu descobridor, e desengane / De Ceita a Maura tímida vaidade /, Primeiro entrando as portas da cidade” (canto VIII, estância 37). Vê-se claramente a determinação da Missão temporal de conquista atribuída aos portugueses: “E aumentasse a terra mais que dantes” (canto IV, estância 50).

D. Duarte em Os lusíadas

D. Duarte foi o Infante que sucedeu D. João I, tornando-se rei de Portugal. Em *Os lusíadas* o encontramos nas estâncias 151, 153, do canto IV. Assim com se deu nas estâncias relacionadas a D. João I, também com seu sucessor, os fatos que a ele se referem estão fundamentados na *Crônica do Senhor Rei D. Duarte*, de Rui Pina.

Tal constatação revela o empenho de Luís de Camões em conservar a fidelidade à história, também nesse ponto de sua epopeia. Também aqui se faz presente a dupla ação a ser executada paralelamente pelos portugueses: uma no plano temporal (conquista do espaço) e a outra no plano sobrenatural (prosseguimento da humanidade). Camões nos apresenta o plano temporal numa espécie de “serviço” ao espiritual, ao se referir inclusive à provação passada por D. Duarte, em relação ao cativo de D. Fernando “Viu ser captivo o santo Irmão Fernando / (que a tão altas empresas aspirava) Que, por salvar o povo miserando / Cercado, ao Sarraceno se entregava / Só por amor da pátria está passando / A vida, de senhora feita escrava / Por não se dar por ele a forte Ceita. / Mais o púbrico bem, que o seu, respeita //” (canto IV, estância 52).

Os Infantes em Mensagem

É no poema “As Quinas” que os Infantes aparecem em *Mensagem*. Nesse ponto percebemos que a referência heráldica é de teor nacional e português. O poeta, sem dúvida, teve em mente o brasão das armas nacionais. Prova disso são as designações e o número conhecido e evocador das quinas, o caráter histórico das figuras que desempenham as peças do escudo das armas o próprio sentido nacionalista do poema. Além disso, seja qual for a perspectiva simbólica que adotemos, as quinas remetem-se sempre para o milagre de Ourique – o que nos remete à concepção dualista do espírito conquistador português: a terra e a fé.

D. Duarte em Mensagem

Aparentemente D. Duarte apareceria em *Mensagem* de igual maneira. Contudo, uma leitura mais atenta revelará erro em tal constatação. Em *Mensagem*, é o próprio D. Duarte quem fala: “Cumprido contra o destino o meu dever / Inutilmente? Não, porque o cumprido”,

Fernando Pessoa, diante de D. Duarte, questiona e interpreta a sua figura, já na modernidade revendo o primordial, partindo da matriz histórica, para gerar o seu texto híbrido de vozes, diálogos, que confirmam uma verdadeira identidade aos heróis portugueses. O destino a que se refere *Mensagem* ultrapassa a ideia de predestinação às conquistas materiais. Esse destino pode ser chamado universal, porque, de certa forma, ele representa a viagem que cada homem empreende, nem sempre sabendo até onde chegará. Pessoa confere a voz e a capacidade de refletir sobre a sua atuação na história de Portugal a D. Duarte. O seu questionamento “Inutilmente?” leva-nos a compreender, no contexto em que está inserido, que toda ação, por si mesma, “é inútil”, mas que, sendo ele um instrumento de um ser superior, não agiu de maneira condenável,

| | |
|--|--|
| <p>Na estância 78 do canto IV, assim fala o poeta a respeito também da missão conferida ao povo português:</p> <p>“Faz as pessoas altas e famosas / A vida que se perde e que periga /, Que, quando ao medo infame não se rende /, Então, se menos dura, mais se estende //”.</p> <p>Para Camões, a vida são as empresas do espírito humano, as viagens, as conquistas.</p> | <p>porque sustentou com brio o papel que lhe coube. Para Pessoa, a vida é o passado no presente, que se confina no futuro, formando uma verdadeira equação, de todos os tempos.</p> |
| <p>D. Afonso V em <i>Os lusíadas</i></p> <p>A figura de D. Afonso V só aparece <i>Os lusíadas</i>. Existe, a exemplo do que foi dito a respeito de D. Duarte e de D. João I, uma fundamentação para as estâncias 54 e 59 do canto IV, na <i>Crônica do Senhor Rei D. Afonso V</i>, de Rui de Pina. Tal fato confirma também a visão de vitória, presente no poema camoniano, no qual o poeta aponta os reis que fortificam a pátria, a partir dos fatos históricos e dos seus atos heroicos.</p> | <p>D. Afonso V em <i>Mensagem</i></p> <p>Já vimos que Fernando Pessoa não se inclina a valorizar a história nacional por si mesma. Reduzindo-a a símbolos ou prefigurações, seleciona somente algumas figuras, acontecendo essa espécie de diálogo entre <i>Os lusíadas</i> e <i>Mensagem</i>, o qual só podemos compreender se conhecermos a interpretação que o poeta de <i>Orpheu</i> dá à história de Portugal e a cada figura que dela resgata.</p> |
| <p>D. João II em <i>Os lusíadas</i></p> <p>A figura de D. João II aparece em <i>Os lusíadas</i>, também no canto IV em três estâncias.</p> <p>Em <i>Os lusíadas</i>, a fonte histórica se encontra em João de Barros, especialmente o conteúdo da estância 61 (Ásia). A estância 60 (canto IV) é bastante significativa sob o ponto de vista do valor que Camões atribui aos reis que se dedicaram ao fortalecimento da nacionalidade portuguesa:</p> <p>“Tentou, que D. João II / formidável vulto solitário; foi buscar da roxa aurora / Os términos que eu vou buscando agora //.”</p> | <p>D. João II em <i>Mensagem</i></p> <p>A figura de D. João II aparece em <i>Mensagem</i> na primeira parte, no poema “O timbre” na segunda parte, no poema “O mostrengo”. Observando a figura de D. João II em <i>Mensagem</i>, percebe-se que diversos destinos e caracteres estão demasiadamente sujeitos ao mesmo denominador comum. Nada há que o caracterize como D. João II. É apenas o título, ou um substantivo, ou um adjetivo, que evoca a situação histórica.</p> |

O esvaziamento das figuras históricas permite precisamente a sua redução convencional e funcional, voluntariamente fragmentária por parte do poeta, que as integra numa totalidade combinatória, geradora dessa síntese do herói que constitui não um indivíduo isolado, mas a geração dos portugueses que, sendo muitas vezes instrumentos de uma força superior, atingiram e atingirão a glória.

O presente, o passado, tudo o que nos remete ao ser histórico, escapa em Pessoa. Escapando-lhe o presente e o passado, tem de projetar-se no futuro longínquo e utópico:

*Seu formidável vulto solitário
Enche de estar presente o mar e o céu*

A presença de D. João II na segunda parte do poema (“Mar Português”) é muito significativa. Dom João II aparece num refrão que possui força, de decassílabos bem sonoros, que aumenta de estrofe para estrofe. O poeta, sob a sugestão do Adamastor camoniano, utiliza um vocabulário em parte já empregado em *Os lusíadas*.

Comparando, no entanto, as figuras do Adamastor e do Mostrengo, há claras diferenças que se deixam ver. O Adamastor possui aspectos repulsivos (cabelos cheios de terra, “barba esqualida”, boca negra, dentes amarelos), vocífera num tom “horrendo e grosso”, parece “sair do mar profundo” a sua voz, surge da noite, “bramindo o negro mar de longe brada”, mas se singulariza por uma dignidade ou nobreza, que por completo faltam ao Mostrengo. Adamastor é um monstro horrendo, mas é humano o seu vulto. Ele “no ar” é uma figura robusta e válida (é o Cabo das tormentas personificado). Exprime sentimentos humanos de amante não correspondido. Adamastor, além disso, não se refere a “cavernas”, fala dos domínios até aí indevassados (“velados términos) e sabe reconhecer o heroísmo dos portugueses:

*Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas.*

Assim sendo, embora uma figura nos faça recordar a outra, há mais diferenças do que propriamente semelhanças entre os dois “monstros”. O que os identifica é a indignação perante o atrevimento dos nautas, sentida pelos dois:

*Quem é que ousou entrar/ Nas minhas cavernas que não descendo/ Meus pecados negros do fim do mundo?
Pois vens ver os segredos escolhidos/ Da natureza e do húmido elemento,/ a nenhum grande humano concedidos/ De nobre ou de imoral merecimento [...]*

Sendo *Mensagem* um poema altamente simbólico, a voz que o corporifica é uma voz anônima, que fala, sem ser neutra. Lembra uma pitonisa, pela sua grande lucidez. É uma voz heroicamente entusiasta, nesse sentido.

A manifestação dessa voz anônima se dá numa estrutura coral, polifônica, em que monólogos e diálogos se alternam, no estilo da tragédia primitiva, em que o coro e o corifeu se apresentavam, cada um por sua vez. Em *Mensagem*, ora essa voz toma a forma de uma terceira pessoa gramatical (Os Castelos/ Ulisses), ora de uma segunda pessoa, e outras vezes é cedida às personagens históricas (cf. “As Quinas”).

D. Manuel em *Os lusíadas*

D. Manuel encontra-se em *Os lusíadas* da estância 67 à 104 (canto IV). São ao todo 37 estâncias voltadas para a figura desse rei português. Em quatro partes bem distintas, podemos dividir as estâncias que se referem a D. Manuel I em *Os lusíadas*. Todas elas se fundamentam histórica ou literariamente em alguma obra já conhecida, a saber:

D. Manuel em *Mensagem*

Em *Mensagem*, sua figura passa oculta-mente, por entre os elementos mais significativos do momento histórico vivido por ele, sem que em momento algum Fernando Pessoa cite seu nome e a ele se dirija diretamente.

Em *Mensagem*, D. Manuel não encontrou um papel semelhante ao que lhe conferiram Camões e a história, que o chamou de “O

- Entrega a Vasco da Gama a responsabilidade de descobrir o caminho marítimo para a Índia (estâncias 76-77).

- Fontes históricas: *Primeira década da Ásia* (1552), de João de Barros; *História do desenvolvimento e conquista da Índia pelos portugueses* (1552), de Fernão Lopes de Castanheda.

- Velho do restelo (estâncias 94-104).

- Fontes históricas: Coro das tragédias gregas; Ode III, in *Odes*, de Horácio (65-8 a. C.)

- Adeuses em Belém (estâncias 87-93).

- Fonte histórica: Fernão Lopes de Castanheda (canto I, estância 17).

Venturoso”. Sabe-se que, ao falar de Vasco da Gama, de Bartolomeu Dias, de Fernão de Magalhães e mesmo no poema “Mar Português”, Fernando Pessoa se referiu ao período áureo do reinado de D. Manuel I, mas diretamente não dedicou nada

É curioso o que se deu com a figura desse rei tão conhecido, cujo reinado se deu num período tão importante para a história portuguesa. Contudo, seguindo a linha de análise que viemos desenvolvendo até agora, compreendemos a razão pela qual não foi ele “invocado” pelo poeta em *Mensagem*, e o foi de maneira tão significativa em *Os lusíadas*. Dom Manuel I foi o “Rei do grande feito”. Isso explica o espaço ocupado por ele no poema camonianiano. Eram os grandes feitos o objeto daquela epopeia, especialmente o “grande feito” da descoberta do caminho marítimo para as Índias. A Pessoa, todavia, isso era secundário, não lhe interessava de maneira direta. Seu poema corporificava os verdadeiros heróis, aqueles que assumem o feito e a ação do ser superior ao que o realizou. É uma aparente despersonalização do herói, resultado da memória, persistência e determinação do poeta que reúne no seu magma discursivo o passado, o presente e o futuro de Portugal.

Para Fernando Pessoa, uma nação, qualquer que seja, é três coisas: 1. uma relação com o passado; 2. uma relação com o presente; 3. uma direção para o futuro.

D. JOÃO III

A figura pacífica de D. João III não é citada, como as demais da Dinastia de Avis, no canto IV de *Os lusíadas*. Aparece no canto I, de maneira indireta, sem que seu nome seja citado:

*Em vós, sem vem, da olímpica morada/ Dos dous avós as almas cá famosas;/
 Ûa, na paz angélica dourada,/ Outra, polas batalhas sanguinosas// em vós
 esperam ver-se renovada/Sua memória e obras valerosas.*

Realmente, D. João III não foi um “herói”, aos olhos de Camões. É a história quem nos diz que ele se revelou vulgar, mediado, sem capacidade para medir obstáculos num país que começava a se sentir exausto, em virtude dos descobrimentos e das conquistas que esgotavam os recursos da nação.

O fato de D. João III não ter sido selecionado por Fernando Pessoa deve-se, talvez, à concepção do poeta em relação à decadência de Portugal. Para Pessoa, essa decadência atravessa três fases: a primeira, do reinado de D. Manuel à

anexação de Portugal à Espanha; a segunda, de 1580 até o constitucionalismo; e a terceira, de 1820 até a implantação da República.

Se a decadência de Portugal começou com o reinado de D. Manuel, os reis não poderiam ter sido tomados como um testemunho para o futuro, nem como “profetas” deste. “E outra vez conquistemos a Distância/ Do mar ou outras, mas que seja nossa!”

D. SEBASTIÃO

Buscamos as possíveis explicações para as diferentes leituras e seleções das figuras representativas da Dinastia de Avis, dentre as quais aparece a figura tão estudada e discutida de D. Sebastião.

Foi ele o último rei de uma grande era. Ausente por uma guerra além-mar, tenta regressar, na visão do povo português, mas encontra-se retido pela divindade. É uma espécie de Ulisses, a quem a maioria julgava morto. Mas é também o único capaz de restabelecer a ordem, libertando a pátria da pilhagem dos “pretendentes”. É o protótipo da heroica loucura, polarizando as esperanças messiânicas no ressurgimento pátrio.

O Portugal moderno já não é mais o país das descobertas... No contexto dos dois poemas, uma diferença é fundamental: Camões não viu o que Fernando Pessoa teve oportunidade de ver. Ele ainda canta a expectativa, enquanto o poeta de *Mensagem* interpreta o seu papel entre os portugueses. Dessa forma, Pessoa é ao mesmo tempo o visionário e o intérprete de sonhos. Traz à luz o que julga ser a essência oculta do seu país. Revela-nos os portugueses que, na sua quimera das descobertas, exigiram demasiado do mundo e que, hoje, espalhados pelos continentes, muitas vezes só na memória dos conquistados, conservam apenas a ideia messiânica do regresso da antiga grandeza, porque depois dela foram “obrigados” a contemplar o desfazer do sonho de o possuírem.

E vós, ó bem nascida segurança/ Da lusitana antiga liberdade./ E não menos certíssima esperança/ De aumento da pequena cristandade/ Vós, novo temor da maura lança/, Maravilha fatal da nossa idade, // Vós, terro e novo florescente/ De ua árvore, de Cristo mais amada/ Que nenhuma nascida do occidente [...]

Dom Sebastião é uma figura privilegiada em *Mensagem*. É ele em si mesmo um símbolo de esperança e uma exortação à esperança:

Louco, sim louco, porque quis grandeza/ Qual a sorte não dá/ Não coube em mim minha certeza;/ por isso onde o areal está/ Ficou meu ser que houve, não o que há [...] Minha loucura, outros que me a tomem/ Com o que nela ia/ [...] Onde quer que, entre sombras e dizeres,/ Jazas, remoto, sente-te sonhado;/ E ergue-te do fundo de não-seres/para teu novo fado!/ [...] É a hora! (FERNANDO PESSOA, 1974, canto I, estância 8).

CONCLUSÕES

Recapitulando o poema de Camões, *Mensagem* constrói-se sobre ele, recriando-o, propondo uma nova interpretação não só da história de Portugal, como da própria humanidade. Pode-se afirmar que o referido poema em relação

a *Os lusíadas*, é um intertexto com traços estilizadores, ou seja, apesar da retomada do texto original, num sentido de certa forma bastante crítico, ele não apresenta traços de discordância entre a proposta do século XVI e a visão pessoana do século XX.

Percebemos, também, segundo a visão de Laurent Jenny (1979), que Fernando Pessoa “montou” o seu poema com base na relação semântica da isotopia metonímica, uma vez que prossegue, conferindo-lhe uma nova visão, o trabalho iniciado por Camões, no sentido de cantar a história de Portugal, pelos feitos dos seus heróis, particularmente, no caso do canto IV, os pertencentes à Dinastia de Avis. O “engaste” aqui foi perfeito.

Ainda conforme as propostas de Laurent Jenny, nota-se em *Mensagem* que, em consequência da qualificação antitética que Fernando Pessoa confere às figuras representativas da Dinastia de Avis, por não considerá-la apenas sob o ponto de vista dos seus grandes feitos, mas no seu aspecto mítico, atemporal, o recurso da intervenção da situação enunciativa é bastante explorado em todo o poema, sobretudo naquilo que se refere aos limites do nosso trabalho.

Em *Os lusíadas*, são cantados os grandes feitos que já se consumaram, ao lado da esperança do poeta nas grandes realizações portuguesas futuras, por meio de D. Sebastião – o que pode ser verificado no convite que lhe é feito nas estâncias de número 7 a 14 e nas de número 15 a 18 do canto I. Limitado no seu tempo, Camões não pôde ver o fim trágico do reinado do jovem rei de Portugal.

Em *Mensagem*, porém, por meio de uma seleção muito cuidadosa, Fernando Pessoa constrói seu poema a partir de figuras históricas, sem dúvida, mas já depuradas e trabalhadas numa relação divino/humano, sem deixar, até mesmo, de contar com os desastres próprios das estruturas humanas. Cada “herói” resgatado por ele cumpre um desígnio duplo, que, por um lado, é consciente e voluntário e, por outro, é resultado da atuação do divino sobre a pessoa, agindo muitas vezes de forma desconhecida sobre ela.

No poema pessoano, portanto, o homem é também um instrumento de uma ação superior, que ele não alcança totalmente. Daí o critério seletivo e interpretativo do poeta, assim como o seu desapego dos fatos como tais.

Enquanto Camões percorreu toda a genealogia dos reis, dando-nos informações, muitas vezes pormenorizadas de cada um, a voz épica de *Mensagem* se nega a fazer o mesmo, valendo-se de idas e voltas na cronologia, destacando algumas figuras e deixando outras de lado.

Se o poeta de *Os lusíadas* canta e informa, Pessoa revela-nos Portugal em sua “história secreta”, deixando bem claro que, independentemente da visão de fé tradicionalmente conhecida, o plano divino caminha passo a passo com o humano daquela nação.

Mensagem reitera a afirmação de Laurent Jenny (1979, p. 45): “A intertextualidade é, pois uma máquina perturbadora”.

A leitura atenta do poema de Pessoa, assim como de Camões, confirma de maneira clara e objetiva que o “uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora” (JENNY, 1979, p. 49).

REFERÊNCIAS

CAMÕES, L. de. *Os lusíadas*. Ed. organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1974.

COELHO, J. do P. Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega (DLPBG). Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.

JENNY, L. A estratégia da forma. *Poétique*, Coimbra, n. 27, 1979.

PESSOA, F. *Mensagem*. À memória do Presidente – Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro. Anotações de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

GUIMARÃES, E. Intertextuality marks in canto IV of *Os lusíadas* and *Mensagem*. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 1, p. 31-41, 2009.

Abstract: The present study focuses on the intertextuality marks related to the historical subject in Os lusíadas and Mensagem emphasizing, particularly, the Avis Dynasty and its involvement in the two poems. Here the general aspects of intertextuality indicators are approached as well as the indicator of this process through the analysis of the representative figures of the Avis Dynasty. A close reading of these two poems can confirm that the intertextual use of the discourses always corresponds to a critical, ludic and exploratory vocation.

Keywords: *Intertextuality; Camões; Fernando Pessoa.*